

Haiti livre: primeiras impressões após o tremor da terra que se somou à tragédia social do povo que luta por sua libertação

Maria Cecília de Paula Silva

Há no ar um barulho de mundo. Pessoas não param de falar. A língua é desconhecida. Uma mistura do *creole* com francês, inglês e espanhol. No entanto, a compreensão é clara. Procuram algo que os alentem. Denunciam a situação desumana a que estão submetidos não só pela destruição física ocasionada pelo terremoto, mas principalmente, pela situação socioeconômica extremamente desigual a que eles estão passando ao longo da história de luta do seu povo pela libertação da opressão e da dominação estrangeira.

Idas e vindas. Não param em nenhum lugar. E, meio que perdidos, reconstroem, nos espaço caótico, entre os destroços deixados pelo abalo sísmico, o que ainda os mantém em pé, a dignidade de um povo guerreiro que se abate, mas que não se cala frente às dificuldades causadas pelos homens ou pela natureza.

Destroços por toda a parte. Atropelo de cheiro podre no ar. Na rua, em busca do dia outro, melhor, meninos, meninas, mulheres coloridos de negro olhar continuam a andar.

Insurreição no ar!

Insurreição no olhar, na frase perdida pela boca do povo nos acampamentos. Acuados a mais de dois meses esperando pela ajuda humanitária que ainda não chegou.

Busca da vida.

Saída do aeroporto. Forças aéreas. Acampamento do exército brasileiro. A bandeira que tremula no ar do aeroporto haitiano é a do Brasil, que chefia as tropas de ocupação. Demarcação de território. Em terras outras que não do Brasil. Ocupação, intervenção militar e cassação dos direitos civis próprios do haitiano. Aeroporto do Haiti com bandeira brasileira e aviões de guerras, caças americanos.

Homens da guerra. Chegam de aviões. Muitos, desavisados do que vão encontrar. No entanto, preparados para uma guerra imaginada de dominação dos povos, de perpetuação da exploração e do sistema capitalista. No entanto, em meio aos tangues, aos aviões caça – de guerra, aos uniformes e ao exército de fora, o haitiano resiste.

Povo guerreiro, resistente. O haitiano continua altivo no caos urbano ampliado pela destruição do espaço construído pelos homens.

Já na saída do aeroporto nos deparamos com barracas por todos os lados, no meio da rua. Tentam miúdos, esparsos, principalmente os guris, guardarem, ainda, alguma esperança.

Trezentos mil corpos pairam no ar; no cheiro espalhado, a sensação que permanece é de uma embriaguez decorrente da falta de sensibilidade humana. Dois meses e meio do terremoto e nada se fez...

Cerca de um milhão de pessoas caminham nas ruas. Sem rumo. Sem lugar. Acampadas em sítios improvisados, sem condições de higiene mínima. Sem comida. Sem condições básicas para uma vida digna.

Casas caídas, escombros de vida. Vidas sem vidas em baixo do concreto desarmado.

Do impacto inicial do caos urbano chegamos à sede da *Batay Ouvriye*; nós, da Delegação da Conlutas que foi até lá prestar solidariedade ao povo haitiano e obter registros sobre a real situação dessa tragédia.

A sede fica na região metropolitana de *Port-Au-Prince*. Chegamos à sede onde acontecia o final de um encontro com as representações de organizações de trabalhadores, urbanos e rurais de todo o país. Foram três dias de encontro e nós escutamos a síntese do que foi discutido e as diretrizes que foram consideradas prioritárias para fortalecer o movimento da *Batay Ouvriye*.

Dentre eles, a necessária unificação da classe trabalhadora em prol de uma luta mais organizada para a libertação do Haiti das tropas de ocupação e da intervenção norte-americana na soberania do país.

Hoje o destino do país está sendo decidido o futuro da população haitiana por outros povos: americanos, franceses, russos, canadenses, brasileiros...

O projeto e a construção que se está fazendo para perpetrar este projeto – imposição imperialista. Esta situação não está sendo aceita pela população, que se rebela de forma ainda pouco organizada. Porém, está se organizando, formando grupos, dialogando, tentando resistir e enfrentar esta situação. No dia seguinte, logo pela manhã, em uma das visitas aos vários acampamentos em que estivemos, presenciamos uma passeata organizada pelos então moradores daquele lugar – *Champs de March* – contrários aos planos que estão sendo construídos para o futuro do Haiti alheio aos haitianos, porque não tem a presença, a voz e a vontade do povo haitiano.

Ficamos sabendo que este ano é ano eleitoral, das eleições presidenciais, no Haiti. Mas estão tentando postergar esta eleição.

Nesta passeada, com cartazes, trompetes, falas com megafones, firmes, determinadas. As faixas traziam a indignação do povo por não estar sendo ouvidos e participando deste planejamento. Os haitianos, indignados, protestam.

No entanto, esta bonita e colorida mobilização e reivindicação de repente é logo esvaziada. Logo após a chegada de tropas da Minustah que chegam com armas e logo descem do caminhão e dos jipes e se deslocam para o pequeno grupo que ainda não se dispersou. Um soldado haitiano anota as reivindicações deste grupo. Uma rádio também registra este momento de denuncia. Anota com cuidado.

Quando chegamos e questionamos sobre a presença da Minustah este grupo – pequeno - nos diz que ela auxilia. Fica mais que claro, no entanto, que esta tropa silencia. Não só a manifestação, mas, principalmente a força da denuncia até então presenciada por nós.

Em outro acampamento ouvimos a denuncia de um morador do acampamento que fazem inúmeras denúncias sobre a situação que estão vivendo.

Desde o terremoto foram colocados nos acampamentos e deixados, pelo Estado que não se faz presente. Também a tal ajuda humanitária que se propagandearia em toda a parte do país e do mundo não está presente nestes locais. Uns dias têm comida, muitos outros não. Alguns dias aparece água. Muitos outros não.

O banheiro são alguns químicos, que não estão adequados ao número da população ali deixada. O morador, um dos organizadores do primeiro acampamento visitado deixa claro em sua denuncia que o Estado, quase inexistente pouco ou nada está interessado no povo haitiano, a não ser para manter e ampliar a lógica da dominação e exploração humana, em condições subumanas.

Outro morador, que não quis se identificar nos denunciou a forma que eles estão sendo tratados. Anunciou que é vontade do governo haitiano que eles, não agüentando esta situação desumana ali instalada há mais de dois meses, os forcem a sair, a ir para as montanhas, a migrar para o interior do país.

No entanto, ele reforça: "Não somos cabritos; não somos animais. Não aceitamos ser tratados como tais. Não iremos nos esconder nas montanhas deste país, pois lá há menos condições de sobrevivência e estaremos fadados à morte". "Não cederemos! Estaremos aqui, reivindicando o mínimo, não, o máximo. Temos esse direito e não podemos ser tratados como animais!"

Uma mulher também se aproxima, com seu filho e denuncia que há dias o filho está doente; está com diarréia e nada é feito. Alerta para o perigo de estarem sendo alimentados com comidas que nem sempre estão saudáveis, com águas, muitas vezes contaminadas e vivendo, há mais de dois meses em condições de insalubridade.

Esta mãe estava desesperada, pois não estava encontrando saída e nem uma forma de tentar solucionar o problema específico que estava desestruturando a família em função da doença do filho que não consegue ser curado. As condições são muito precárias.

O povo altivo, não se curva.

O Estado continua ausente.

O povo se movimenta. Meio silencioso, meio temeroso, triste em função das perdas humanas. Cientes da necessidade da luta premente.

O povo luta e se organiza.

À tarde percebemos isso de forma mais clara ao visitarmos um acampamento em que a *Batay Ouvriye* atua e que encontramos maior organização interna, uma maior compreensão da necessidade da luta e da unificação do povo em prol da sua emancipação.

O Estado é questionado e o povo escuta e se pronuncia com certeza e maior clareza da dureza deste percurso.

Neste acampamento tivemos a presença do povo haitiano, de todas as idades, homens, mulheres, crianças, adolescentes. Rostos experientes e que expressam a dureza da vida. A vida árida, árdua, triste.

A tristeza nos olhos de alguns denuncia a força da vida desse povo e a certeza da luta eminent. A tristeza está sendo assumida como forma da vida que precisa ser feliz. Esta é busca desse povo, que, na precariedade dos acampamentos precários, na falta do trabalho digno, na pouca condição de vida humana em contraposição à busca do prazer nas lúdico que conseguem explicitar.

Nos acampamentos, os haitianos e as haitianas que ali estão, extrapolam a dureza da situação, do tempo presente, do lugar precário e das vidas que tem que ser reconstruídas e já a reconstruem a cada minuto, gesto e ação.

Verificamos que estes locais têm vida, tem brincadeira, de crianças e de adultos, tem o afeto no cuidar do outro, no pentear os cabelos e criar penteados maravilhosos e coloridos nas crianças, nos adultos, de bem vestir e de se cuidar.

Da necessidade de se ampliar a perspectiva dos valores humanos que se tornam mais presentes, apesar da situação atual. O tempo presente no Haiti nos mostra a possibilidade do ser humano ir além. A certeza de se considerar a humanidade dos seres humanos que buscam outra sociedade, com equidade econômica e social e que de certa forma, já vivem agora com mais ênfase, a solidariedade humana e a certeza de ir além, apesar dos limites apresentados e fundamentais de serem superados imediatamente.

Neste sentido, a delegação da Conlutas e a nossa ação de denuncia e de divulgação da cruel situação que os povos estão vivendo têm que ser ampliados. A cobrança ao governo brasileiro pela retirada das tropas de ocupação e a substituição desse contingente por uma ação humana, de auxílio humanitário para a reconstrução conjunta, mas a partir da necessidade e da vontade do povo haitiano é urgente.

A solidariedade dos povos e a ação efetiva para os que compreendem a perspectiva do internacionalismo para a efetivação do socialismo como caminho necessário é visível, neste e no nosso país. Esta talvez seja a tarefa, uma das principais tarefas que temos pela frente, como central sindical que traz como um dos seus princípios a luta classista e socialista.

Fundamental ampliarmos esta denuncia e divulgarmos o papel de dominação imperialista e de defesa do capital, ao invés da defesa e da ajuda humanitária. O exército brasileiro ao chefiar as tropas de ocupação militar da ONU no Haiti presta um serviço contrário ao que propagandeia na mídia brasileira.

O povo haitiano não aceita esta intervenção!

Nós, da classe trabalhadora brasileira, também não aceitamos esta intervenção descabida e esta ocupação indevida.

Pela retirada imediata das tropas de ocupação do território haitiano!

Pela substituição das tropas por uma efetiva solidariedade dos povos, enviando pessoas conscientes e consequentes desta perspectiva solidária e que, de fato, promovam uma ação humanitária, que auxilie o povo haitiano no que eles estão precisando de fato, que é de ajuda específica nas questões da saúde, construção, educação, assistência social, planejamento urbano, engenharia ambiental.

Uma ação que promova a reconstrução das cidades desabadas e da mobilização do povo para uma ação unificada de organização da vida plena de sentido; com trabalho e lazer dignos, com condições humanas de vida; de vida digna, de pleno sentido humano, o que só se torna possível com a transformação social.

Assim, o socialismo é uma necessidade frente à realidade devastadora empreendida pela lógica do capital na sua expressão neoliberal atual e vista, de forma concreta e cruel, no contexto da sociedade haitiana.

Publicado originalmente na pagina do ANDES-SN.